

A Chinesa de Olhos Azuis

Urbano Tavares Rodrigues

O HOMEM PARECE ABORRECER-SE, APESAR DA atenção que há pouco dispensava aos tanques com flores de lótus, às grutas miniaturais, ao dédalo de pontes e veredas e plantas subtis do jardim de Lou Lim Lok, em cujos bancos chineses velhos, muito serenos, repousam e conversam em cantonês, na branca modorra da manhã. Dirige-se para a saída, afasta-se de uns jovens que fazem uma ginástica muito lenta, num pequeno espaço entre as rochas que imitam outros espaços naturais mais amplos. Quase tropeça em dois asiáticos que jogam um xadrez cujas peças ele desconhece.

É ali, em Macau, que vai encontrar a revelação exaltante do seu ser mais profundo. Presente que alguma coisa o espera, que o destino se vai cumprir. Busca os indícios, vagamente, nas tabuletas com delicados caracteres chineses que encimam as lojecas apertadas, escruta os tabuleiros de mah-jong que reluzem nas mesas do exíguo café, um pouco sujo, onde o ar condicionado o atrai. O calor húmido e espesso fantasmiza as vielas, desfaz os crisântemos e as minúsculas rosas chá da florista encarquilhada, espalha torpes odores por todo aquele bairro, onde insolitamente perduram nomes portugueses nas placas das ruas, dos becos, nos estabelecimentos, nas oficinas – Travessa da Cordoaria, Beco dos Anjos, Rua Entre-Campos, Drogaria Yick Kuan, Travessa do Gafanhoto, Lam Passarinhos Quadrúpedes.

O homem limpa o rosto com o lenço de monograma, já sujo de suor, observa as esteiras onde, dentro das casas de porta aberta, há mulheres deitadas, molengando; e a sua carne adormecida vibra, assanha-se em meio daquele langor, daqueles corpos destapados.

Nem a beleza do Leal Senado, dos elegantes edifícios em barroco colonial ocre e castanho, semelhantes aos que já vira em Goa, nem a ruína austera da igreja de S. Paulo, jesuítica, perto da fortaleza sobre a qual se ergue o Museu Arqueo-

lógico, conseguiram prendê-lo. Vai, como que guiado por um chamamento, indiferente ao cheiro estonteante do sândalo, ao fumo que, em velutas azuladas, sobe dos altares aos deuses lares, vestígio de antigas crenças muito arraigadas, para ele desconcertantes. Os pássaros que aquelas criaturas buliçosas, e ao mesmo tempo secretas, transportam amorosamente nas suas gaiolas, espantam-no ainda mais. Comem cães e até gatos, apesar da proibição, mas veneram as avezinhas, levam-nas para os parques, para os passeios do fim da tarde. Caraças!, que gente tão diversa do padrão ocidental, que viceja a dois passos dali na Giorgio Armani, frente ao Banco Ultramarino, nos hotéis, nos supermercados. E toda a comida, mesmo o linguado *meunière*, sabe a molhos chineses.

Nota que há quase um fosso entre a atitude dos muito novos e dos mais velhos. Mas já lhe asseguraram que com o tempo quase todos voltam às práticas tradicionais...

Sua, apesar do ar condicionado. Claro, esqueceram-se de o ligar. Afinal, não. Mas devia estar no máximo. Que tarde pegajosa!

Fica preguiçando na única cadeira confortável do quarto, no entanto tão amplo, quase majestoso. Vê-se, pela janela, um pouco de mar, enquadrado em arranha-céus. As ilhas, adivinhas mais além, do lado de Hong Kong, altas e descarnadas, com meia dúzia de casas de acolhimento turístico no sopé da colina, do verde putrefacto que assoma pelo meio das pedras. Já por lá passou, na vinda de Hong Kong, e não esqueceu mais aquelas imagens. A vista que a janela mostra, mais perto, é neutra: prédios altos, maciços de árvores e gramado. Franjipanas, casuarinas, o ar cinzento e brando como aquela luz de Julho. Muitos táxis, rápidos, com os motoristas enervados a barafustarem em chinês.

O homem boceja, dispõe-se a sair, retira a chave electrónica da fenda onde ela encaixa e logo o quarto obscurece. Gira a maçaneta da

porta e, ao abri-la, tem defronte a figura da morte. Uma criatura alta, toda vestida de negro, escaqueirada, quase colada a ele, o hálito podre, as mãos de veneno prestes a tocarem-lhe.

O homem não recua, mas é percorrido de alto a baixo por um frémito, como um choque eléctrico. O pavor sulca-lhe as veias.

A criatura move-se então e sorri. É apenas uma filipina, massagista ou criada de quarto, o que quer que seja. E, afinal, nem é feia, e nada tem de um fantasma. Muito morena, roliça, os olhos até pouco orientais. Diz-lhe que bateu à porta. Ele não ouviu.

Manda-a embora. Senta-se na cama e respira fundo. Ainda treme. Mas a aflição passou.

À noite o homem pega no guarda-chuva e sai, evita comer no hotel. Nuvens displicentes filtram a luz da lua. Por entre gritos indefinidos, anúncios acesos a pestanejarem, bandeirolas batidas pelo vento, que confunde os ideogramas chineses, aproxima-se dos casinos do Hotel Lisboa, cercado por casas de penhores e parques de estacionamento, automóveis de todos os luxos.

Uma ansiedade difusa lateja nos espaços do bazar e das mesas de jogos chinesas à volta das quais há homens de rostos patibulares, prostitutas russas e tailandesas, chinesas jovens, vulgares no seu enigma, os chamados curiosos e sobretudo apaixonados do jogo.

O homem despreza aquele primeiro círculo de inferno e sobe logo ao piso de cima, onde as paradas são já mais altas. Vão ascendendo sempre até aos lances muitimilionários do supremo andar. Velas de prata, caixas de xarão, brocados escarlates, marfins polidos, surgem à medida que se sobe na escala das apostas e dos tesouros. Um sujeito barrigudo, o único macaense que o homem ali descortina, arbora na lapela a camélia branca de Camilo Pessanha. Ao lado (mas talvez nem se conheçam) uma mulher alta, que ondula em seda negra, lentamente, debruça-se um pouco

sobre o ombro dele. Tem uns grandes olhos, azuis claros, mas levemente asiáticos, os zíngomas bem salientes, lábios carnudos. O homem fixa-a, fascinado, mas, quando ela o olha a direito, sem pestanejar, acaba por desviar a vista. Torna, no entanto, a mirá-la, às furtadelas. E ela apercebe-se disso.

O *croupier* mostra firmeza e rapidez, um à-vontade surpreendente. O seu nariz é um bico assustador. Por detrás dele dois seguranças, logo reconhecíveis, controlam todos os jogadores, *habitués*, putas, turistas, funcionários disfarçados, budas trajando à europeia que ali se aglomeram. As russas, intensamente loiras, bonitas e com veementes saliências e reentrâncias, fazem tudo para serem a mascote dos jogadores mais afortunados.

O homem não consegue afastar-se da euroasiática dos olhos azuis. Talvez fale inglês. A *little*, responde ela, impassível. Mas parece que o seu inglês se limita a essas palavras. E português? Sabe mais algumas: *Boa noite, meu amor, adeus. E talvez*. Mas a conversa permanece complicada. O homem, hesitante, recorre à linguagem dos gestos, com algum pudor. Mas ela percebe. Diz: *Talvez*. E aceita que ele lhe pegue no braço e a leve dali.

Uma chuva finíssima, leve, vai empoçando nas pequenas covas do asfalto brilhante, que ambos evitam, amparando-a ele num abraço molhado de silêncios.

«Levo-a para o meu hotel», projecta o homem, «ninguém nota».

Ela deixa-se levar. Sorri, mas é um sorriso um pouco duro, que o atrapalha, que tem qualquer pacto com o mar dos abismos.

O homem respira-a, respira-lhe já o corpo todo. Mas ao tocar-lhe a mão, que está húmida, é como se tocasse num dorso de peixe.

Passam o bazar; as varandas chinesas, que prolongam as casas, gotejam luz; flocos de névoa pendem dos candeeiros; os pivetes acesos, nos

altares dos deuses lares, estão a perder a energia para afugentar os maus espíritos.

Longos renques de sombra. Depois janelas de inquietação, súbitas, abrem bocas de espanto por onde o sôfrego destino penetra nas casas. Onde estarão, à espera da lua, no mar?, no porto interior?, os barcos de flores que balouçam a orgia?

Não houve problema no *hall* do *Royal*, já o ascensor sobe, lento; o homem enlaça o sabor daquela carne quente, que não se furta ao beijo. Mas tão-pouco o encoraja.

A noite do quarto cega-o. Liga os interruptores, um a um. Sobre a mesa há frutas entristecidas; nada tem de nupcial, o quarto, é antes um sítio de agonia. O homem tira rapidamente do mini-bar uma garrafa de uísque e copos, gelo.

A mulher dos olhos claros aceita, inspeciona o aposento, em passos de onça, fecha a janela e o ar condicionado logo melhora. De onde virá, de que discoteca próxima, ou de que apartamento, esta música esbracejante, que ofende a paz da noite?

Como ela tarda a despir-se, apesar da mímica um pouco grotesca a que ele se entrega, para a convencer, o homem salta etapas, tenta, desajeitadamente, desapertar botões, retirar-lhe a blusa, abrir o fecho da saia. Até que ela, sem violência, o repele e executa com destreza, num ápice, essas operações que tão difíceis pareciam. Encara-o, de frente.

Que chave, ou que palavra, poderá abrir o estranho azul daqueles olhos de água pesada?

O homem ajuda-a a deitar-se, então ela sorri, mas tão altiva, tão diferente de tudo, sobre aquela colcha escarlate e cor de canela, com dourados. Ele toca-lhe, refresca as mãos ardentes naquela carne jovem, elástica, respira-lhe os seios, roça por eles os lábios. As pernas são demasiado brancas e revelam aqui e além, a rede dos capilares.

Quer celebrar na boca dela, que se entreabre, um primeiro beijo, imenso, mas a mulher não corresponde logo e o homem trémulo, morde-a.



© RICARDO FONSECA

Os olhos azuis fixam-no, reprovativos. Ele recua.

Quando volta, acaricia-a. Os gestos dela são flores a abrir, devagar, excitam-no mas continuam reticentes, não vão logo até onde ele quer. O homem introduz-lhe dois dedos no sexo e, antes de encontrar o clitóris, palpa as pétalas vaginais a moverem-se suavemente sob a sua pressão. Torna a beijá-la, mas quase a sufoca e, como ela se debate, magoa-a, sente agora a língua imersa num poço lodoso.

Em vez de continuar a aquecê-la, a tentar namorá-la, como inicialmente fez, penetra-a quase à força, acha-a apertada (ou então está a contrair-se), concentra-se na sua virilidade, na sua carne tensa que, por um canal a arder, está agora no corpo dela e, exasperada, se retesa e mais a invade.

Mas os olhos azuis indignam-se, a mulher queixa-se, pede-lhe qualquer coisa que ele não

entende, talvez para sair, porque lhe dói e para recomeçar depois, para se ajeitarem melhor. Será isso? o homem acaba por ceder, aliás naturalmente, porque, naquela confusa e atormentada discussão, perdeu o desejo.

E quando é ela a sugerir, a pedir-lhe que volte, mas com uma expressão ainda dolorida ou, quem sabe, enfasiada, que escurece o seu belo rosto de estátua oriental, o homem não consegue a erecção necessária. Ainda procura excitar-se ele próprio, sem êxito.

Então é ela quem insiste, torna-se profissional, experiente, quase meiga. O homem logra dificilmente uma introdução inconvicta, esforça-se de novo, transpira, por fim já só agita dentro dela uma espécie de tripa meio murcha. Irrita-se.

– Isto já não é nada. E a culpa é tua – diz, ao separar definitivamente o corpo do corpo dela.

Pega nas roupas e fecha-se na casa de banho. Quando de lá sai, já a encontra vestida, impecável, seca de expressão. Os olhos azuis, muito rasgados, estão agora quase verdes. Altiva?, enigmática? Será? Será de desprezo aquele silêncio? Podia ao menos protestar em chinês, injuriá-lo, exigir dinheiro.

O homem tira da carteira um punhado de notas de cem patacas, nem as conta.

– Chega?

Ela aceita, encolhe os ombros. O jorro azul-verde do olhar atravessa-o, reacende nele um lume de cólera.

– Vou-te acompanhar.

No lentíssimo elevador os segundos formam um cacho de humilhação, de raiva surda dentro dele.

Não surge nenhum táxi.

– Casino – diz ela.

– Está bem, espera por isso.

A rua é comprida e está vazia, mas todos os ruídos da cidade e mesmo as imagens do outro lado da noite dançam na cabeça do homem atordado. Horas carpidas, a queda das ondas do mar, sargaços, vagas, baixios, venha o tufão, venha derrubar os arranha-céus de aço e vidro em Coloane, abanar as volutas dos capitéis no esqueleto da igreja de S. Paulo, que tudo desabe e o fogo dialogue com o medo e do céu se despenhe a luz das estrelas. Venham vagas transparentes, como as do Atlântico, pôr fim a este calor, à festa das labaredas, ao riso oculto desta mulher.

Que tem, nota ele agora, pernas violáceas como as das chinesas velhas. «Que vontade de lhe estoirar a linda face impassível, a boca de milho roxo que continua a troçar de mim.»

Pega-lhe inesperadamente nos dedos – dedos de peçonha amarela que ela logo solta dessa prisão; aves sonâmbulas cruzam a rua direitas ao telhado de um templo budista; morcegos, cães, fantasmas iniciam a travessia da madrugada, sob as primeiras gotas da luz recém-



-nascida, a treva autêntica foge para a lonjura das pedras negras, das águas que soluçam, das pontes proibidas, da pele das almas sujas.

O homem trava por um braço a bela euroasiática, que tem agora a surpresa e o pânico na face, e esmaga-lhe o rosto com um punho de granito. Amordaça-lhe o grito com a outra mão, bate, segue batendo, até o sangue correr e cantar naquela face de mistério, talvez doce para outros, que ousou amesquinhá-lo. Pisa-lhe, a coice, o corpo de cobra-coral – é já o princípio do fim –; apaga-se a lisa teia dos afectos, a vida, no rosto oval da serena prostituta, se o era, cujo corpo esfria.

O homem, incapaz de parar, como que embriagado, pula, quase dança a valsa louca do desejo e da morte, enquanto a ante manhã visita as janelas das gaiolas dos pássaros, o âmago dos pesadelos da gente pobre, amargurada; e um dia novo – o tempo cíclico geme à flor das águas.

A bela face inquietante da mulher dos olhos azuis tornou-se uma máscara sangrenta.